Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

AUTOBIOGRAFIA NA PRÁTICA: PERCURSOS DE UMA PROFESSORA EM TRANSFORMAÇÃO

Autobiography in practice: paths of a teacher in transformation

Angélica Borges dos SANTOS
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
angelica.santos@ifnmg.edu.br

Resumo

Este artigo resulta de uma autorreflexão, tem abordagem qualitativa e foi elaborado com base no método autobiográfico, com foco na história de vida. O ensino envolve dimensões e competências diferentes e mutáveis, de acordo com o contexto em que é desenvolvido e, além da atuação, há toda uma história de formação pessoal e profissional. Considerando a inseparabilidade entre o âmbito pessoal e profissional, neste texto procuro descrever o período da minha história de vida e a formação de professores. Examinei na subjetividade o percurso no qual me tornei professora, retomando à consciência as intencionalidades interpretativas na organização lógica dos processos de formação, que muito contribuem como fontes de compreensão dos fenômenos humanos. Apresento uma autoreflexão sistematizada a partir de trabalhos de autores da área da Educação e utilizo da poesia para pensar as tensões entre as condições reais de vida e a profissão docente. Resulta de reflexões sobre as leituras e diálogos ocorridos nos encontros da disciplina de Formação Docente em Geografia, oferecida aos estudantes na pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

Palavras-chave: Docência. Formação. Autobiografia.

Abstract

Teaching involves different and changeable dimensions and competences, according to the context in which it is developed and, besides acting, there is a whole history of personal and

professional formation. Considering the inseparability between the personal and professional scope, in this text I try to describe the period of my life history and the formation of teachers. Therefore, this article results from a self-reflection. It has a qualitative approach and was elaborated based on the autobiographical method, focusing on the life history. I have examined, in a subjectivity way, the journey in which I have become a teacher, returning to consciousness the interpretive intentionalities in the logical organization of the formation processes, which greatly contribute as sources for the human phenomena understanding. Thereby, I present self-reflections systematized from the works of authors in the area of Education and I use poetry to think about the tensions between real life conditions and the teaching profession. It results from reflections on the readings and dialogues that occurred at the Teaching Training in Geography class meetings, offered to geography postgraduate students at the Federal University of Uberlândia.

Keywords: Teaching. Professional Formation. Autobiography.

INTRODUÇÃO

A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

(MANDELA, 2003 – tradução da autora)

A Educação e o desenvolvimento das capacidades variam dentro de uma cultura e entre as culturas. Trata-se de uma construção relacional, coletiva e dialética na medida em que, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo. No contexto de numerosas e inesperadas transformações devemos ter clareza de que as pessoas não são iguais, cada uma vivencia uma realidade e possui uma forma de aprendizagem relacionada a fatores contextuais (família, cultura e sociedade).

A conclusão de uma formação acadêmica resulta da interação de fatores, como o aporte teórico-metodológico e as situações de ensino-aprendizagem a que cada sujeito vivencia. No caso da formação docente a visão de mundo do futuro professor muito influencia no seu modo de agir como pessoa e como profissional.

A escrita de autobiografia pode ser vista como uma possibilidade de conhecimento sobre si mesmo a qual permite ter uma visão consciente dos processos formativos e das transformações ocorridas no decorrer da vida, que se contemporizaram no sujeito que reflete sobre si. Escrever sobre si é um desafio, uma vez que envolve emoções e faz reviver sentimentos e memórias que haviam ficado armazenadas na subjetividade durante o processo de edificação da história de vida de cada indivíduo.

Ademais, a autobiografia possuiu uma grande potencialidade formativa e foi trazida aos contextos científicos para ampliar as formas de compreensão dos fenômenos sociais, dentro das ciências humanas, sendo, portanto, uma contestação do positivismo e do distanciamento do sujeito com a pesquisa. Por meio do método biográfico emergem possibilidades de um modelo mais compreensivo de análise da realidade.

Este método científico, com o foco na história dos sujeitos, permite compreender as especificidades e subjetividades da existência humana. Significando como uma ferramenta pedagógica no processo de formação, permitindo ao indivíduo narrar sua própria história,

tomando consciência de sua experiência como autor de sua própria vida. Para Souza (2006) as abordagens biográficas e autobiográficas das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como narrativas de formação inscrevem-se numa abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-las como processos formativos e auto formativos, por intermédio das experiências dos atores em formação.

Desse modo, fazer autorreflexão é fundamental para que o indivíduo possa compreender a sua própria história e suas experiências. As narrativas autobiográficas e as histórias de vida podem ser usadas para que os profissionais docentes repensem sua formação tornando-se um importante recurso nos processos de aprendizagem e de formação. Diante desse método os docentes passam a ser legitimados como portadores de saberes reflexivos, críticos e múltiplos. A pessoa do professor assume uma dimensão de centralidade no processo formativo, sendo fundamental para entendermos os significados da vertente pessoal no processo profissional do docente.

De acordo com a concepção de Nóvoa (1995. p. 25) "urge (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida". As histórias de vida precisam ser consideradas na busca do entendimento das conexões entre a formação profissional e o processo de formação pessoal. A identidade pessoal dos docentes possui interações entre o universo profissional e o sociocultural, resultando na promoção do conhecimento, valores e energia. Nesse sentido, a memória vai além do campo subjetivo, provém e se relaciona com a vivência cotidiana, ainda que singular se situa também num contexto histórico e cultural. Em concordância com Souza (2007, p. 6) a memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura.

As especificidades de cada sujeito emanam de contextos biológicos, socioculturais e experienciais no qual crescem e se desenvolvem, isto é, onde se formam na qualidade de atores sociais dotados de racionalidade para reagir às mais diversas situações. As histórias de vida adquirem uma notável importância no contexto da formação docente. Nesse cenário, Nóvoa (1988, p. 116) aborda a importância de repensar as questões da formação, esclarecendo "que ninguém forma ninguém e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida".

A formação docente é um processo singular e pessoal no qual diversos elementos em constante interação devem ser considerados, dentre eles o modo de vida e as circunstâncias de vivência e de interação na sociedade. A aprendizagem ocorre no ambiente escolar, mas também nos múltiplos ambientes da vivência cotidiana. Rosa (2006) em sua discussão sobre a formação e prática docente nos aponta que

> [...] a escola, é reconhecida pela sociedade como a instituição da aprendizagem e do contato com o que a humanidade pôde produzir como conhecimento, tecnologia, cultura. Não porque seja a única instância responsável pela educação, mas por ser a instituição que desenvolve uma prática educativa planejada e sistemática durante um período contínuo e extenso na vida das pessoas. (ROSA, 2006, p. 17)

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Assim, a profissão de professor está aliada ao amplo desenvolvimento de pessoas - os alunos - que passam a ter contato com esses profissionais desde o início do envolvimento com a sociedade, na infância. A profissão envolve dimensões, competências e habilidades distintas e mutáveis de acordo com o contexto onde é desenvolvida e para além da atuação existe todo um histórico de formação pessoal-profissional envolvido.

Nessa perspectiva, considerando a indissociabilidade entre o âmbito pessoal e profissional docente neste trabalho busco descrever minha história de vida e minha formação docente. Examinei na minha subjetividade o percurso no qual me instituí como professora e apresento autorreflexões sobre as práticas de educadores que participaram de minhas experiências formativas. Este artigo possui uma abordagem qualitativa, que tem como método, a história de vida ou método autobiográfico.

A metodologia foi esquematizada a partir de memórias da minha formação e de observações da minha prática docente provocadas pelas reflexões sobre as leituras e diálogos ocorridos durante o curso de doutorado nos encontros da disciplina Formação Docente em Geografia, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia aos discentes dos cursos de mestrado e doutorado do referido programa.

As discussões da formação docente em Geografia usaram como base obras de autores que têm contribuído na área de educação, para pensarmos as tensões entre as condições reais da vida, da profissão docente, da consciência e as intencionalidades interpretativas da organização lógica dos processos de formação em narrativas autênticas, se constituindo como imprescindíveis fontes de compreensão dos fenômenos humanos.

1 TRAVESSIAS NO ENSINO BÁSICO: VIVER NO CAMPO, ESTUDAR NA PEQUENA CIDADE E SAIR EM BUSCA DE UM ENSINO MELHOR NA CIDADE GRANDE

> Não sou nada.
> Nunca serei nada.
> Não posso querer ser nada.
> À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
> Janelas do meu quarto,
> Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
> (E se soubessem quem é, o que saberiam?)
>
> Fernando Pessoa, 1944, p. 252. [Trecho do poema Tabacaria do heterônimo Álvaro de Campos, datado de 15 jan. 1928].

A escolha dos primeiros versos do poema Tabacaria de Álvaro de Campos para iniciar essa seção do artigo foi motivada por transmitir ideias que ocorrem na subjetividade do ser humano, traz reflexões do mundo. O poema pode ser associado a situações presentes na nossa contemporaneidade, o eu-poético em momento de autorreflexão escreve sobre a relatividade do sujeito a partir do olhar da realidade.

Minha formação se iniciou na antiga primeira série na Escola Municipal Tupiniquim, localizada na praça central da pequena cidade de Indianópolis- MG. A cidade possui uma população

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

atualmente de pouco mais de 6.000 habitantes e possui apenas escolas públicas. A grande maioria dos professores que lá trabalham é natural da cidade, são filhos de famílias tradicionais que saíram para se formar e voltaram para trabalhar na escola.

No período atualmente destinado aos anos iniciais, o aprendizado minha mãe, também docente que me ensinava usando as cartilhas que havia guardado da época em que trabalhava no "Mandaguari", escola rural extinta.

Ela não só ajudava nas tarefas, mas trazia novos ensinamentos, então quando passei frequentar a escola eu não tinha entusiasmo porque eu já sabia as matérias ensinadas e também não tinha amizades, pois morava na roça sem vizinhos para ir para a escola juntos e interagir.

A professora do primeiro ano percebeu a situação relativa à aprendizagem e procurou a direção da escola para solicitar à secretaria municipal de Educação que elaborasse uma avaliação para que eu avançasse de série.

No dia marcado meu pai me levou até ao prédio da prefeitura para realizar a prova. Recordo que fiquei bastante nervosa, com uma sensação que viria a se repetir anos depois nas provas dos vestibulares. O material de estudo eram cartilhas amareladas que minha mãe tinha guardado desde a época do curso de magistério e do primeiro trabalho na escola, pois ela as considerava as melhores e mais completas para a alfabetização.

Com o resultado da avaliação passei a estudar na sala segunda série, mesmo com as matérias já iniciadas não senti muita dificuldade, recordo que fiquei satisfeita e animada por ter tido êxito numa prova estando na escola há poucos meses. Era um desafio mostrar que conseguiria acompanhar os novos conteúdos, então quando chegava em casa estudava mais para seguir o restante da turma, percebo que foi um estímulo positivo que contou com o envolvimento da minha família, da professora e da equipe pedagógica da escola.

A importância do papel do professor na Educação e na sociedade fica claro nos escritos de Rosa (2006) que destaca que o professor é “o profissional do ensino que tem como principal tarefa cuidar da aprendizagem dos alunos, respeitada a sua diversidade pessoal, social e cultural, buscando a formação plena (cognitiva, afetiva, social)” (ROSA, 2006, p.17).

A escrita se deu em tempos do pós-guerra em que o poeta português Fernando Pessoa, criador do heterônomo Álvaro de Campos, escreve da inquietação diante do incompreensível, do inconformismo, da desumanização, do vazio. Mesmo sendo considerado como pessimista, vejo possibilidades de identificar no poema elementos/frases de esperança.

De acordo com Barcelos (2009),

> a apreensão do espaço geográfico pela via do discurso literário busca uma imbricação entre o real e o imaginário, entre o objetivo e o subjetivo, a qual nos fornece um entendimento do discurso literário como forma de representação do espaço real. (BARCELOS, 2009, p.46).

Pensando minha história de vida os primeiros versos (Não sou nada/ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada/... tenho em mim todos os sonhos do mundo) me remetem aos 14 anos em que vivi em uma pequena roça, localizada no espaço rural de uma pequena cidade pouco conhecida do interior de Minas. Em minha interpretação, isso significa que somos apenas uma

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

minúcia comparada à imensidão do mundo, entretanto tudo o que temos são os sonhos que nos movem.

Tenho boas recordações de minha vivência no campo, finalizei o ensino fundamental morando na roça e indo diariamente assistir aulas na cidade, nesse período tive experiências relacionadas às dificuldades e às belezas de morar na roça e ter que ir estudar na cidade.

Os trabalhos em grupo eu fazia de forma individual, pois não tinha condições de ir até a cidade reunir com os colegas já que seria em horários fora daquilo oferecido pelo transporte da prefeitura. Lembro-me que perdi muitas aulas, provas devido às más condições das estradas, à falta de combustível e aos problemas mecânicos da Kombi que me conduzia diariamente para a escola.

O planejamento dos trajetos do transporte não considerava o cansaço decorrente das longas distâncias percorridas pelas crianças. Recordo que tiveram épocas em que o transporte escolar passava em minha casa muito cedo, eu e os outros alunos da área rural do município ficávamos por um longo período percorrendo estradas de chão na ida pra escola, e no retorno a situação se repetia. A situação de manutenção das estradas era precária, ocorrendo episódios nos períodos chuvosos em que o transporte não conseguia atravessa-las por conta da lama formada no solo argiloso daquela região. Por esse motivo nos dias chuvosos ficava a incerteza de presença na escola, uma vez que a chuva era um fator que ocasionava a ausência do transporte para a escola.

No meu caso eu morava há apenas dois quilômetros da escola e rememoro que era uma briga para manter esse transporte. Outro fato é que existia certa implicância dos colegas da cidade com os alunos que iam da área rural, por vezes o sapato ou a roupa ficavam sujos de lama ou poeira do trajeto até a escola, então eles inventavam apelidos difamantes.

Além disso, fazer trabalhos escolares como pesquisas, encontrar reportagens de jornais ou revistas, mesmo que para recortar figuras, era complicado por conta da falta de matérias e dificuldades de acesso. Contávamos muito com a ajuda de vizinhos e parentes que já tinham passado por aquela mesma situação em tempos passados.

A intensa sociabilidade presente na perspectiva do rural me deixou boas recordações. Mesmo com o cansaço, no trajeto para a escola pude conhecer as estradas de acesso às comunidades e casa de colegas da escola, além de observar novas paisagens, via as diversas plantações, o gado e ouvia histórias.

Lembro que a mãe de uma colega que ia nesse transporte escolar sempre esperava a chegada da filha com uma garrafa de água para o motorista e para os alunos que ainda iam almoçar em suas casas.

Muitos dos vizinhos eram meus parentes e os que não eram família eram conhecidos. Os momentos de encontro ocorriam nas casas, aonde íamos para fazer trabalhos escolares, passear e também em momentos de festejos, muito relacionadas à religiosidade, como por exemplo novenas de natal e terços em homenagem a santos.

O poema usado para a reflexão sobre minha formação do ensino básico traz a relatividade do sujeito a partir de reflexão do olhar da realidade vista de uma janela, o que ocorre muito em cidades pequenas com interpretações, fofocas e subestima através do olhar por uma janela.

Além disso, Fernando Pessoa aborda elementos da fé, de inspirações, da existência humana (natural e antrópica), da loucura, da visão que os outros têm sobre nós e do contexto social da época em que foi escrito. Elementos muito presentes nos contextos de formação escolar.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Mais adiante o eu-poético aponta que o mundo é quem para nasce para conquistá-lo, associo essa parte da escrita com a minha mudança para cursar o ensino médio em Uberlândia, pois lá a qualidade do ensino era bem melhor.

Durante o período que estudei em Indianópolis não percebia muita diversificação nas práticas escolares, entretanto quando comecei a estudar na Escola Estadual Messias Pedreiro interagi bem mais com os colegas e professores. Havia projetos, eu fiquei encantada com alguns professores, principalmente os de geografia, física e biologia, com as novas possibilidades e com os materiais usados nas aulas e as práticas em laboratórios que até então nunca tinha tido.

Percebo nesse momento da minha formação o papel da escola que de acordo com ROSA (2006), tem a missão de

> [...] assegurar a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã de seus alunos, estabelecendo uma relação autônoma crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações. É seu papel formar cidadãos participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea. (ROSA, 2006, p. 17)

Comecei a participar de atividades fora do horário de aula e a me preparar para o vestibular da UFU, fiz as provas do sistema avaliação seriada (PAIES), sempre na dúvida de que curso escolher ficava entre geografia, biologia e economia. Como meus pais não tinham condições de pagar por cursinhos pré-vestibulares eu estudava por apostilas um pouco defasadas ganhadas de colegas que estavam no cursinho e que mudava o material a todo ano.

No terceiro ano a professora de Geografia, Elaine, envolveu os alunos em atividades de corrida de orientação. Era uma competição em que íamos para áreas rurais com um mapa na mão buscando encontrar prismas que eram posicionados em locais desconhecidos em menor tempo. Sempre participava, entretanto eu não era muito boa para competir porque sempre parava para observar o lugar novo que estava indo.

Durante essas saídas a professora dava uma aula prática de geografia, mostrando o relevo, hidrografia e os demais elementos daquele espaço geográfico. Essas atividades eram no último ano do ensino médio e foram essenciais na minha escolha em cursar a faculdade de Geografia.

2 DAS METAMORFOSES NO ENSINO SUPERIOR À DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA

> Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.
>
> [...] A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.
>
> (Fernando Pessoa, 1982, p. 387)

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Em 2008 iniciei o curso de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia. Logo no primeiro período da graduação os veteranos diziam que a Geografia da universidade era totalmente diferente daquela que eu tinha visto no ensino médio e que faríamos várias viagens no decorrer da graduação.

Existia uma fama de que os alunos da Geografia só viajavam. Isso me animou bastante, pois eu sabia que seria uma ótima oportunidade de conhecer lugares diferentes. Nessa época eu estava convencida que atuaria como bacharel realizando análises técnicas na área Geografia Física e a outra opção que eu tinha em mente era a de atuar como professora universitária. Assim, logo no primeiro ano da faculdade comecei a participar de eventos, palestras e seleções de laboratórios de pesquisa para aprimorar o meu currículo.

Tive uma experiência enriquecedora quando desenvolvi meu primeiro trabalho de pesquisa no Laboratório de Ensino de Geografia (LEGEO), aprendi os caminhos da pesquisa, colaborei para a organização de eventos e participei de um grupo de pesquisa que abordava o ensino de Geografia para alunos com de necessidades especiais analisando as especificidades dos alunos com altas habilidades.

Durante a faculdade pude explorar áreas diferentes da Geografia, realizei pesquisas científicas nas áreas de ensino, pedologia e cartografia, podendo ter amplo conhecimento das diferentes abordagens da ciência geográfica. Fiz especialização em ciências ambientais e no mestrado me encontrei na grande área da Geografia Humana.

Mesmo tendo o desejo de me tornar professora eu tinha certa resistência à licenciatura e às disciplinas de ensino, pois também me interessava pela atuação técnica do Geógrafo. Nesse sentido, efetivei atividades de gestão e consultoria na empresa júnior e também realizei atividades ligadas à área de georreferenciamento e geoprocessamento durante estágio na diretoria de sustentabilidade da prefeitura universitária em projetos de extensão.

Tive condições de me dedicar somente à faculdade, pois fui bolsista nos projetos que participei desde o terceiro período da graduação e posteriormente do mestrado, além disso, minha família pôde arcar com meus custos fora de casa.

Uma experiência negativa que me recordo foi a reprovação em um processo seletivo para entrada na pós-graduação, como teria que esperar um ano para prestar novamente aproveitei esse período para estudar e realizar provas de concursos. O projeto que eu desenvolvi no mestrado foi elaborado com base nas anotações e resumos que eu fazia dos temas das provas de concursos.

Ainda nesse período, já formada no bacharelado, pude trabalhar em uma empresa de consultoria ambiental. Vejo essa experiência como um divisor de águas para minha profissão, pois me decepcionei com o ambiente de trabalho, se tratava de uma empresa que atuava em projetos grandes, as exigências sob os funcionários eram altas. O trabalho era bom, mas a gestão da empresa e o comportamento dos colegas eram muito mercadológico/competitivo, voltado para atender às demandas de projetos. Assim, não me identifiquei muito.

Conciliando com o trabalho, sem muita empolgação, nessa fase de minha formação eu estava cursando algumas disciplinas da licenciatura que me faltavam. Hoje enxergo a importância das disciplinas da licenciatura, pois estas nos apresentavam conceitos básicos relativos à Educação. Mesmo depois de concluir a licenciatura senti muita insegurança para a prática docente, uma vez que via como limitador o fato de ter feito parte da licenciatura em regime especial de

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

aprendizagem devido a problemas psicológicos, que atrapalharam a minha dedicação às leituras aprendizagem. Tinha muito medo de não conseguir concluir a faculdade.

Na disciplina de estagio IV, voltado para o contato com alunos do ensino médio tive a oportunidade de estabelecer conexões entre a Geografia e a poesia de Carlos Drummond. Foi um projeto muito gratificante, o professor coordenador do estágio e a professora de Geografia que eu acompanhei na escola se envolveram e despertaram em mim um novo leque de possibilidades de trabalhar com a Geografia.

A vivência na escola me fez relembrar e me reencontrar naquele ambiente de ensino-aprendizagem. Assim, percebi, indo de encontro com Silva (2015) que

> [...] o professor é, antes de qualquer coisa, antes de se tornar professor, um aluno, um aprendiz que vivenciou e, em situações especiais ainda vivencia o cotidiano e o contexto do ensino do ponto de vista de quem aprende, de quem aprende, de quem participa do processo de ensino-aprendizagem na condição de aluno. (SILVA, 2015, p. 166)

Essa vivência foi um momento em que como licencianda busquei alternativas, formas e instrumentos para trabalhar no cotidiano escolar e ao mesmo tempo, onde a prática se mistura com as lembranças enquanto indivíduo, as histórias de vida e as lembranças de "ex-aluna", agora estagiária.

As aulas envolviam uma dinâmica diferente, com ares de novidade fazia com que os alunos participassem, dessem sua contribuição e analisassem os poemas por meio do aprendizado em literatura, mas pelo viés da Geografia, deixando clara a interdisciplinaridade.

No meu entendimento, essa atividade me fez compreender o papel do professor em inovar nas práticas de ensino, métodos e estratégias para o aprendizado dinâmico dos alunos. Assim o estágio supervisionado para os alunos de licenciaturas pode ser um proveitoso momento para troca de experiências entre professores atuais e futuros colegas de profissão, além disto, possibilita interconexões entre o universo acadêmico e a realidade escolar.

Ao escrever sobre episódios do passado de professores aposentados, Bem-Peretz (2000) aponta que as histórias de vida profissional dos professores são pouco contempladas nas pesquisas científicas, criando uma lacuna na formação docente que poderia abordar mais sobre as diversas experiências do cotidiano escolar.

Durante toda minha formação acadêmica aprendi que a pesquisa científica deveria ser neutra, sem considerar a subjetividade. Herança do método positivista, de uma Geografia tradicional e que mesmo voltada para uma vertente crítica mantinha a base das pesquisas na racionalidade e imparcialidade.

Iniciei a prática docente por meio de designações para trabalhar em escolas estaduais. Ministrei aulas de Geografia e até de Sociologia. Tive experiências em escolas centrais e periféricas, na Educação continuada, no ensino de Jovens e Adultos e no ensino técnico. Trabalhei nos três turnos e vivenciei as diferenças existentes entre o público em cada uma das situações, os problemas socioeducativos e muito me beneficiei atuando nesses contextos.

A convivência com colegas de profissão me mostrou que as subjetividades e o modo de ser de cada indivíduo influenciam muito no trabalho docente. Na prática as histórias, de sucesso ou

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

insucesso, são valiosas para a formação docente e precisam ser compartilhadas entre os professores. Percebo que faltam oportunidades para comunicar o que aprendemos na prática, momento de convivência, diálogos e reflexão das narrativas. Os momentos de trocas de experiências, muitas das vezes se limitam aos horários de intervalo entre aulas e às reuniões de conselhos de classe.

Em muitos casos, as atividades de ensino se constroem por meio de iniciativas e proposições individuais dentro das limitações pessoais e profissionais de cada professor. Dentre outros fatores, as relações interpessoais, as histórias de vida, os sentimentos, a carga horária de trabalho, as exigências da escola e a personalidade interferem no modo como cada professor planeja e elabora suas aulas.

Assim, o uso das narrativas pessoais em programas de formação de professores poderia colaborar com a consciência da prática, no qual os futuros professores vão, quando atuarem na docência, identificar-se na pratica dos colegas de profissão, uma vez que a Educação se faz na construção e reconstrução de histórias sociais e pessoais. Os estudos da carreira de professor devem ser fenomenológicos, subjetivos, considerando a diversidade de sujeitos envolvidos bem as diferentes situações de vivencia em sala de aula.

Refletindo sobre o trecho (A vida é o que fazemos dela/ O que vemos, não é o que vemos. Senão o que somos) do poema que abre esta seção penso que as histórias pessoais e sociais dos sujeitos compõem as humanidades de nossa existência. No nosso cotidiano vejo as trajetórias de contínuas viagens que nos levam para além do que já somos, ou seja, em nossa existência como sujeitos (autores de nossa própria história de vida) vivenciamos lugares, paisagens, temos relações sociais/culturais e passamos por distintas situações que colaboram para nossa formação pessoal e profissional. A nossa visão de mundo e a interpretação dos fatos vivenciados compõem o que somos.

3 SOU PROFESSORA, E AGORA?

É preciso casar João,
É preciso suportar, Antônio,
É preciso odiar Melquíades
É preciso substituir nós todos
É preciso salvar o país,
É preciso crer em Deus,
É preciso pagar as dívidas,
É preciso comprar um rádio,
É preciso esquecer fulana.
É preciso estudar volapuque,
É preciso estar sempre bêbado,
É preciso ler Baudelaire,
É preciso colher as flores
De que rezam velhos autores.
É preciso viver com os homens
É preciso não assassiná-los,
É preciso ter mãos pálidas
E anunciar O FIM DO MUNDO.

(ANDRADE, 2001, p. 21)

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

O Poema da Necessidade de Carlos Drummond de Andrade abre essa seção para sinalizar nossas urgências pessoais que estão interpoladas às profissionais. Sobre minhas experiências na docência vejo que há muito trabalho a ser desenvolvido para melhorar a Educação que, como na frase da epígrafe deste artigo, escrita por Nelson Mandela, líder do movimento contra a legislação que segregava os negros na África do Sul, pode ser vista como o meio mais poderoso para a mudança de paradigmas estabelecidos no mundo atual.

Para Nóvoa (2007) a construção da identidade profissional é individual, íntima e singular, portanto, mutável dentro desse contexto de racionalidade e normatização dos processos educacionais. Esta é produzida no decorrer da aprendizagem, da prática, das vivencias, do cotidiano escolar e mais ainda da vida da pessoa que tem como profissão ser professor.

Tenho na construção de minha identidade profissional que ser professor exige uma postura pessoal comprometida com o bem comum e com estímulos à melhoria de vida por meio do acesso à Educação e ao conhecimento. Os professores, principalmente de Geografia, devem e assinalar para os alunos que estes enquanto sujeitos são produtores da sociedade, auxiliando na compreensão do espaço a fim de modificar o ambiente escolar, a comunidade e a família.

Recentemente ouvi uma frase bem verdadeira sobre a profissão docente e que vai de encontro com as teorias estudadas na disciplina. Uma colega de trabalho disse “bom descanso e em seguida completou: se é que professor descansa”.

Os trabalhos de Antônio Nóvoa são considerados como um marco da autobiografia na pesquisa da Educação. Para o autor “esta profissão precisa de se dizer e se contar: é uma maneira de a compreender em toda sua complexidade humana e científica. Ser professor obriga a obrigações constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e que desvendam nossa maneira de ser” (NÓVOA, 2007, p.10).

As influências das histórias de vida são muito relevantes na busca pelo entendimento das relações entre a formação profissional e o processo de formação pessoal. As trocas de experiências, conhecimentos, valores e energia com o ambiente profissional são fundamentais e modificam-se de acordo com a origem sociocultural de cada professor, devido às particularidades da identidade pessoal e das situações de vida que permitem conexões singulares, num contexto de pluralidades. Assim, utilizar-se de relatos autobiográficos de docentes se constitui como uma ferramenta de formação, isto é, uma maneira na qual podemos conhecer a respeito das práticas de formação e de atuação de diferentes professores, sendo um valioso instrumento na pesquisa e na prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita autobiográfica me fez revirar os arquivos de minha memória e também os digitais. Percebi que ter cursado a licenciatura foi muito significativo para minha formação. Sempre me recordava de ter cursado parte das disciplinas à distância e esse fato me deixou com certa insegurança para atuar como professora.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Ao voltar a ter contato com os arquivos da licenciatura (materiais de aula, textos e trabalhos elaborados) percebi que a insegurança estava mais associada a pouca experiência prática do que a uma formação ruim.

A autorreflexão é apontada como fundamental para a formação docente, uma vez que permite ao indivíduo compreender a sua própria história e suas experiências, tomando consciência de seu papel como autor de sua própria história.

Na prática docente uma autoconsciência própria dos percalços da formação contribui para confrontar a racionalidade técnica no ensino, dando espaço para uma reflexão crítica que contribui para uma autonomia de cátedra que leve em consideração que os estudantes tem histórias de vida diversas e a compreensão de que a realidade vivida contribui significativamente no aprendizado.

No ensino de Geografia uma visão ampla e sistêmica considera a relação da sociedade com a natureza bem como as transformações decorrentes dessa relação. Entende-se aqui que o professor de Geografia, ou mesmo o professor de outra área, precisa estar preparado para atender à diversidade de realidades educativas.

No modelo escolar do Brasil, a heterogeneidade é o que marca as salas de aula; no entanto, há um apontamento para a valorização do ser humano, no sentido de que cada aluno possui particularidades e que, por isto, deve ser, a partir daí, respeitado e valorizado. Ademais, uma autoconsciência de que o professor está em contínua formação contribui para provermos de estímulos à inteligência dos alunos envolvidos, além de identificar suas potencialidades e dificuldades.

No geral, no decorrer histórico, a educação tem se pautado na transmissão do conhecimento existente e nas novas descobertas, o que constitui algo de grande importância. Porém, essa transmissividade inibe o aluno de pensar, refletir e relacionar o conhecimento recebido com suas vivências pessoais. Para que a habilidade de cada aluno transpareça ao ponto de poder ser facilmente identificada, a prática ideal é a que coloca o aluno como um construtor do conhecimento, abrindo espaço para que ele reinvente, imagine, redescubra e, principalmente, reflita.

A poesia tem o poder de ser o grande elo entre o real e o imaginário, estabelece possibilidades de um novo olhar sobre as relações no espaço. Ao elaborar este artigo relembrei momentos de minha formação, com destaque para o uso da poesia em atividades de ensino de Geografia. Dessa forma, o uso da poesia na Educação transforma os sujeitos, uma vez que ela é capaz de trazer à tona uma pluralidade de verdades e interpretações, na medida em que a fala do eu-poético desvincula-se do discurso normativo, permeado por seus aspectos ideológicos e subjetivos.

Assim, finalizo esta autorreflexão sobre minha história de vida e formação docente com as palavras da sublime poetiza brasileira Cora Coralina, que em suas obras usou muito de textos autobiográficos, no poema "Retalhos".

> Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade… que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados… haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós.

Cora Coralina (2017)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BEM-PERETZ, Miriam. Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto, p. 199-214, 2000.

CAMARGO, F.; BELTRÃO, L. **Drummond e seu tempo**: a vertente social em A Rosa do Povo. Opsis. Disponível: <http:// revistas.ufg.be/índex.php/opsis/article/view/9360/6452> Acesso em: 31 maio de 2017.

CORALINA, CORA. **Retalhos**. Melhores poemas de Cora Coralina. 4. ed. Global Editora, 2017.

GARDNER, Howard**. Inteligência:** Múltiplas perspectivas. Porto Alegre. ArtMed, 1998.

MANDELA, N. **Lighting your way to a better future**. Planetarium. University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. 16th July 2003.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Lisboa: Porto Editora. 2007.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho, v. II, Lisboa: Ática, 1982.

PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR; Vânia Alves Martins (org.). **Educação Geográfica:** Memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador; EDUFUBA, 2015.

RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre Educação e Geografia.** São Paulo: Terra Livre, 2012.

ROSA, Dalva E. Gonçalves. Formação de professores: concepções e práticas. In: CAVALCANTI, L. de S. (org.) **Formação de professores:** concepções e práticas em Geografia**.** Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues da; MENDES, Bárbara Maria Macedo. Narrativas de professores de geografia: a escrita de si como projeto de conhecimento e formação. In: **Educação Geográfica:** memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de**. O conhecimento de si:** narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006b.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Org.). **História da Educação no Nordeste Brasileiro.** Fortaleza: UFC Edições, p. 136-153, 2006c.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **Tempos, Narrativas e Ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006d.

SOUZA, Elizeu Clementino de. NASCIMENTO, AD., HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.